



Boletim da

# INDÚSTRIA

DE SANTA CATARINA

2025



## Indústria em Santa Catarina, Desafios e Superações

À primeira vista, 2025 foi um ano desenhado para frustração industrial: Selic em torno de 15%, crédito mais restrito, consumo doméstico desacelerando e, sobretudo, um ambiente externo mais hostil. A escalada tarifária associada ao novo ciclo de política comercial dos Estados Unidos elevou a incerteza e atingiu diretamente segmentos sensíveis das exportações catarinenses, em um estado cuja pauta industrial é relativamente exposta à demanda norte-americana.

Ainda assim, a indústria catarinense encerrou 2025 com expansão de 3,2%, superando tanto a projeção inicial (1,73%) quanto a revisão posterior (2,5%) da FIESC, além de apresentar desempenho significativamente superior ao da indústria de transformação nacional, que se manteve próxima da estagnação. Em um contexto macroeconômico adverso, esse resultado foi sustentado pela recomposição parcial do mercado interno em cadeias específicas, por um comportamento setorial heterogêneo e por ganhos pontuais associados à diversificação dos destinos de exportação.

Para 2026, a projeção da área de Economia FIESC aponta expansão industrial de aproximadamente 2,06%, condicionada à trajetória dos juros, ao quadro fiscal e a fatores de renda, incluindo os efeitos da ampliação da faixa de isenção do Imposto de Renda, além do ambiente de incerteza associado ao calendário eleitoral e a volatilidade externa.



# Introdução



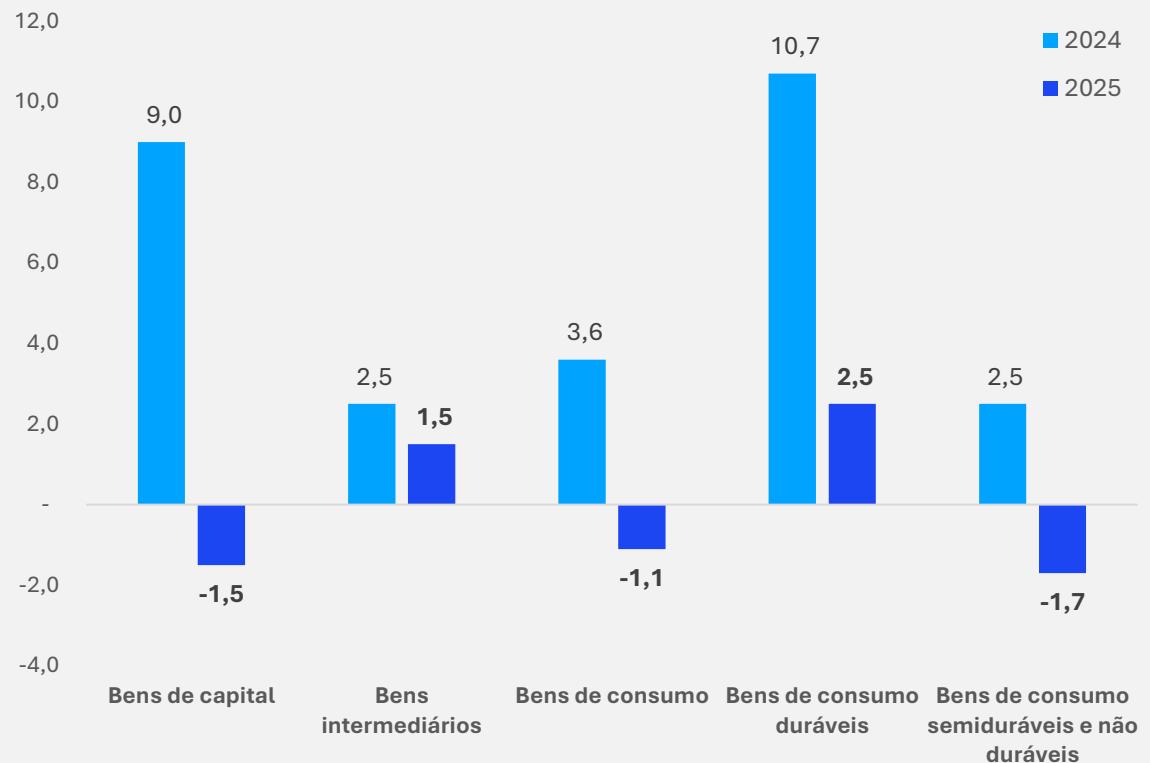
# Perfil do Crescimento Industrial no Brasil

Em 2025, a indústria brasileira operou sob uma regra simples: com juros altos por mais tempo, o crédito deixa de puxar a demanda e decisões de consumo e investimento ficam mais cautelosas. O financiamento encarecido levou empresas a postergar expansão e formação de estoques, enquanto as famílias adiaram compras maiores, tornando o desempenho industrial mais seletivo entre segmentos.

Isso explica por que os bens de capital recuaram 1,5%: o investimento produtivo é o primeiro a sentir o aumento na incerteza e no custo de crédito. Da mesma forma, a retração de 1,1% em bens de consumo, mais forte em semiduráveis e não duráveis (-1,7%), reflete o consumo doméstico mais contido, desincentivado por orçamentos mais apertados e maior endividamento, o que leva o varejo a operar com prazos mais curtos e maior prudência.

Ao mesmo tempo, bens intermediários apresentaram crescimento suave, de 1,5%, por funcionarem como a “produção de base” das cadeias industriais, sustentada por contratos mais longos, manutenção e reposição, etapas que continuam mesmo quando o consumo final desacelera. Já o avanço de 2,5% nos duráveis não caracterizou um novo ciclo de crédito como no ano anterior, mas carregou estatístico do crescimento intenso em 2024, que seguiu em trajetória desacelerada ao longo do ano de 2025.

Gráfico 1: Crescimento Industrial Brasileiro Por Tipo de Bem, em 2024 e 2025



Fonte: IBGE e Economia/FIESC

# Determinantes do Desempenho Industrial: Os motores de demanda nacional e catarinense

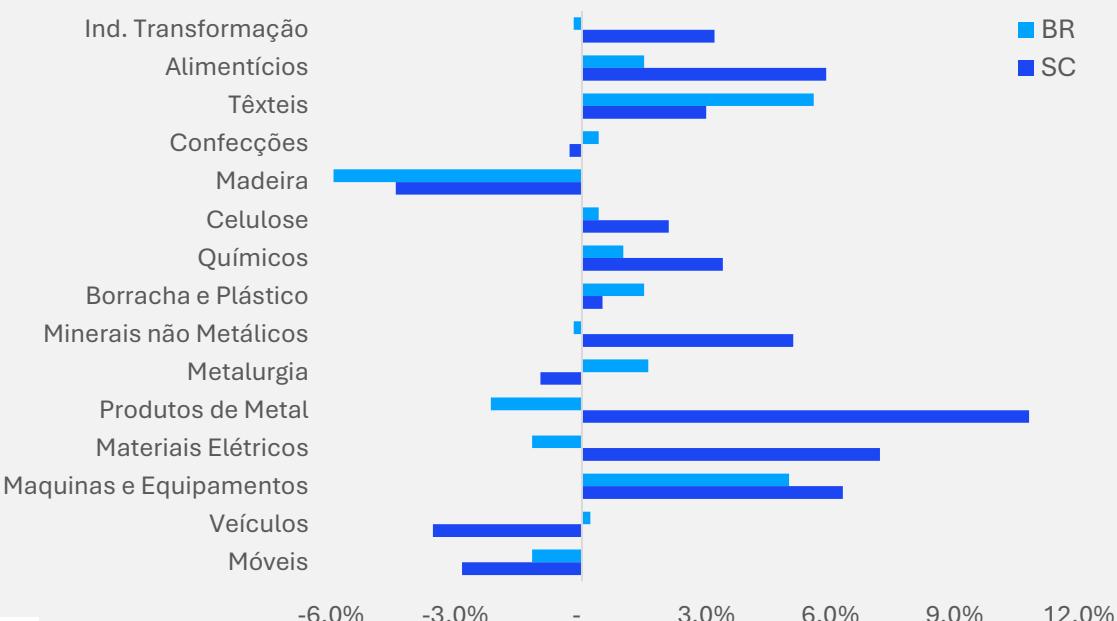
Enquanto a indústria de transformação brasileira apresentou retração de 0,2%, Santa Catarina avançou 3,2%, evidenciando uma dinâmica produtiva distinta. Esse diferencial está fortemente associado à diversidade do parque industrial catarinense e à elevada participação de bens intermediários, que funcionam como amortecedores do ciclo em momentos de desaceleração mais ampla.

Além disso, houve segmentos com crescimento extraordinário ligado à particularidades da demanda, como o setor de Produtos de Metal: enquanto Santa Catarina registrou crescimento de 10,8%, o agregado nacional apresentou retração de 2,2%. A expansão catarinense foi sustentada, de um lado, pelo bom desempenho da usinagem e de artefatos associados à demanda intermediária e, de outro, pela fase mais avançada do ciclo de obras da construção civil, sobretudo na faixa litorânea, que ampliou a demanda por estruturas metálicas. Essa mesma lógica se estende ao setor de minerais não metálicos (+5,1%), com destaque para a cerâmica de revestimento, atividade na qual Santa Catarina possui reconhecida especialização produtiva. O encadeamento dessa base cerâmica com os segmentos de colorícos químicos e tintas, concentrados no Sul do Estado, contribuiu para explicar também o bom desempenho da indústria química, que avançou 3,4%.

Máquinas e equipamentos (+6,3%) e, em menor medida, materiais elétricos (+7,2%), foram impulsionados por incentivos ao investimento, com destaque para o crédito do BNDES e o programa de depreciação acelerada do MDIC, que reduziram a fricção financeira e anteciparam ganhos fiscais na aquisição de bens de capital, além do bom desempenho de segmentos específicos ligados a safra agrícola.

Em alguns segmentos, os juros elevados restrinham mais o crescimento em Santa Catarina do que no Brasil. Veículos recuaram 3,6% no estado, frente a alta de 0,2% no país, em função de incentivos do Programa Automóveis Sustentáveis concentrados em fábricas fora de SC. No setor têxtil, a maior cautela do consumidor e o custo do crédito limitaram o avanço a 3,0%, abaixo do crescimento nacional (5,6%), refletindo a maior exposição catarinense a produtos próximos ao consumo final (cama, mesa e banho), mais sensíveis ao arrefecimento da demanda.

**Gráfico 2: O Crescimento da Indústria de Transformação Catarinense e Brasileira em 2025**



Fonte: IBGE e Economia/FIESC

# Determinantes do Desempenho Industrial: Comércio Exterior

O grau de exposição setorial às exportações, apresentado na Tabela 1, também contribui para explicar os diferenciais de desempenho da indústria catarinense. Segundo o Boletim de Comércio Exterior da Economia/FIESC, mesmo em um ambiente externo adverso, Santa Catarina registrou crescimento de 4,4% nas exportações em 2025, acompanhado de maior diversificação de destinos. Apesar das quedas relevantes nas vendas para os Estados Unidos (-15,75%), em função do aumento de tarifas, e para a China (-6,74%), associadas a restrições sanitárias, observaram-se ganhos expressivos nas exportações para a União Europeia (+10,66%), Argentina (+18,56%), Chile (+33,51%), bem como para mercados do Oriente Médio, como Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos.

Nesse contexto, o desempenho de alimentos, mesmo com medidas sanitárias que suspenderam temporariamente os embarques à China, sustentou crescimento de 5,9%, acima da média nacional (1,2%), pela capacidade de redirecionar fluxos e ampliar destinos. Em 2025, parte da recomposição ocorreu via México, que ajudou a mitigar a perda de mercado na China, e via Arábia Saudita, cuja expansão compensou a retração nas vendas aos EUA, além de avanços expressivos na América do Sul, com Chile (+15%) e forte aceleração na Argentina, onde as exportações mais que dobraram em relação a 2024.

Esse movimento para Chile e Argentina não foi exclusivo de alimentos. Diversos segmentos com maior integração exportadora ampliaram de forma significativa sua pauta nesses mercados, com destaque para materiais elétricos (+68,9%), papel e celulose (+22,6%) e máquinas e equipamentos (+22,8%). Claramente, a recuperação da economia Argentina foi decisiva para isso.

Já o crescimento dos setores de madeira (-4,5%), móveis (-2,9%) e metalurgia (-1,0%) foram comprometidos pela elevada exposição ao mercado norte americano, marcado no ano pelo tarifaço à produtos como: blocos de motores na metalurgia e produtos de madeira para construção residencial.

**Tabela 1: Exportações como % do VBPI setorial (2023)**

Setores da Indústria	Exposição às Exportações
Ind. Transformação	15,8%
Alimentícios	26,1%
Têxteis	3,4%
Confecções	1,8%
Madeira	40,8%
Papel e Celulose	11,6%
Químicos	14,7%
Borracha e Plástico	3,6%
Minerais não Metálicos	7,6%
Metalurgia	21,3%
Produtos de Metal	5,3%
Materiais Elétricos	15,2%
Maquinas e Equipamentos	17,3%
Veículos e suas partes	10,9%
Móveis	25,7%

Fonte: IBGE. MDIC e Economia/FIESC

## Dinâmicas do Cenário Catarinense

Um olhar para o processo de crescimento da produção ao longo do ano, a partir do mapa de calor da atividade industrial, que retrata o ritmo de crescimento histórico, evidencia um processo disseminado de desaceleração ao longo do ano. Dos 13 setores observados, apenas 3 permanecem em ritmo aquecido no final do período, enquanto que os outros 10 apresentaram claro ritmo de desaceleração, chegando, ao final do período, com cinco em ritmo levemente inferior à sua média histórica.

Como já destacado, esse movimento resulta, essencialmente, de dois vetores: (i) os efeitos defasados de uma taxa de juros mantida em patamar elevado por período prolongado e (ii) as restrições impostas às exportações destinadas ao mercado norte-americano. Os juros altos atuam como um freio persistente sobre a atividade, corroendo gradualmente a tração ao longo de todo o período. As tarifas, por sua vez, se somam a ele, amplificando o impacto adverso em segmentos específicos, como móveis, madeira e metalurgia.

As exceções a esse quadro concentram-se em poucos setores. Produtos de metal seguem beneficiados pela dinâmica típica dos bens intermediários, além do estágio ainda favorável do ciclo da construção civil. Minerais não metálicos também refletem esse mesmo vetor. Já o setor de alimentos apresentou maior resiliência, como relatado, pela diversificação de destinos de exportação mercado internacional.

Tabela 2: Mapa de Calor da Atividade Industrial Catarinense (jan/25 a dez/25)

Muito Frio	Frio	Amenos	Morno	Aquecidos	Muito Aquecido							
Setores	jan/25	fev/25	mar/25	abr/25	mai/25	jun/25	jul/25	ago/25	set/25	out/25	nov/25	dez/25
Industria de Transformação	1,26	1,26	1,44	1,18	1,15	1,15	1,00	0,91	0,89	0,72	0,56	0,47
Produtos de Metal	0,76	0,98	1,24	0,96	1,19	1,40	1,44	1,64	1,63	1,55	1,28	1,17
Alimentos	0,73	0,59	0,79	0,46	0,44	0,55	0,55	0,59	0,91	0,93	0,91	1,13
Minerais não-Metálicos	1,20	1,45	1,46	1,36	1,30	1,31	1,30	1,16	0,96	0,81	0,91	1,03
Móveis	0,22	0,63	1,04	1,05	1,37	1,52	1,34	1,22	0,93	0,51	0,45	0,46
Têxteis	0,98	0,90	0,98	0,72	0,75	0,74	0,63	0,58	0,63	0,59	0,54	0,43
Materiais Elétricos	1,26	1,23	1,33	1,20	1,05	0,95	0,90	0,91	0,83	0,77	0,52	0,42
Máquinas e Equipamentos	0,72	0,79	0,95	0,86	0,80	0,77	0,62	0,64	0,55	0,44	0,37	0,31
Vestuário	1,53	1,56	1,79	1,60	1,46	1,52	1,23	0,97	0,91	0,56	0,37	0,04
Borracha e Plástico	0,37	0,36	0,40	0,30	0,24	0,17	0,01	- 0,01	- 0,08	- 0,12	- 0,09	- 0,07
Papel e Celulose	- 0,11	- 0,18	- 0,21	- 0,13	- 0,16	- 0,13	- 0,23	- 0,11	0,06	- 0,06	- 0,09	- 0,11
Veículos	0,12	0,14	0,17	0,08	0,14	0,14	0,09	0,03	- 0,04	- 0,05	- 0,07	- 0,17
Metalurgia	0,41	0,40	0,43	0,38	0,25	0,19	0,13	0,10	0,04	- 0,10	- 0,20	- 0,29
Madeira	1,09	0,97	0,94	0,72	0,84	0,84	0,76	0,40	0,22	- 0,06	- 0,29	- 0,36

Fonte: Elaboração Economia/FIESC a partir de dados do IBGE

**Nota de Rodapé** - O setor de Químicos foi excluído do mapa por possuir série histórica curta, com menor disponibilidade de dados, o que comprometeu a normalização em relação à média e ao desvio-padrão históricos, amplificando as oscilações no indicador.

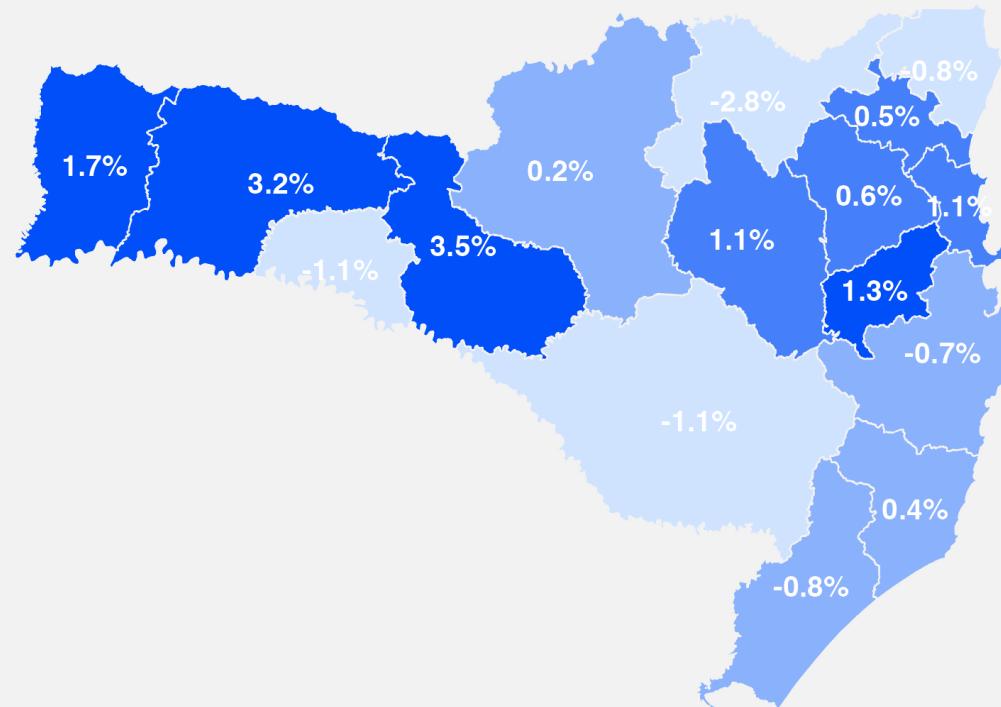
# Evolução no Emprego Regional da Indústria de Transformação

Em 2025, o emprego industrial em Santa Catarina reforçou um padrão de heterogeneidade regional já destacado no Boletim de Emprego da Economia/FIESC: o ajuste não foi uniforme e acompanhou a especialização produtiva de cada Vice-Presidência.

Regiões com maior peso de indústrias exportadoras de madeira e móveis para os EUA, registraram crescimento negativo: Planalto Norte (-2,8%) e Serrana (-1,1%). Diminuíram os posts de trabalho industriais também na região da VP do Alto-Uruguai, explicada por queda dos empregos em frigoríficos específicos. No sentido oposto, o Oeste (3,2%), Extremo Oeste (1,7%) e Centro-Oeste (3,5%), com maior presença de cadeias do setor de alimentos, exibiram taxa de crescimento mais exuberantes.

Já o desempenho positivo do eixo do Vale do Itajaí (1,1%) e regiões próximas é compatível com a força de cadeias como produtos de metal e materiais elétricos, que em 2025 se beneficiaram tanto de encadeamentos interindustriais quanto de demanda associada a investimentos e fornecimentos. Além disso, o ciclo de obras e a dinâmica da faixa litorânea ajudaram a sustentar atividades conectadas à construção, reforçando o ambiente regional de produção e emprego.

Mapa 1: Crescimento do emprego da Indústria de Transformação no ano por Vice Presidência regional (Dez/24 – Dez/25)



Fonte: MTE e Economia/FIESC

## As oportunidades e ameaças em 2026

Em 2026, a indústria catarinense deve se beneficiar, sobretudo no segundo semestre, da expansão da renda e da maior propensão a consumir, impulsionadas pela nova tributação sobre a renda, pelo aumento do salário mínimo e pela queda da taxa básica de juros.

A flexibilização da política monetária tende a reduzir custo do crédito e a reativar mais rapidamente a indústria, mais sensível a financiamento e capital de giro do que os serviços, ao destravar investimentos e recompor a demanda por bens duráveis e semiduráveis.

Somado a isso o efeito acumulado ao longo do ano da ampliação da faixa de isenção do Imposto de Renda, tende a impulsionar consumo nas faixas com maior propensão a consumir.

A combinação desses fatores deve impulsionar a atividade no segundo semestre, uma vez que (i) a taxa básica de juros deve iniciar seu ciclo de queda apenas em março, de modo que seus impactos defasados, especialmente sobre um mercado de trabalho em desaceleração, se materializam mais adiante no tempo, e (ii) parcela relevante do recurso adicional decorrente do Imposto de Renda tende, num primeiro momento, a ser direcionada ao reequilíbrio dos balanços financeiros de famílias ainda fortemente endividadas.

O quadro externo também se mostra mais favorável, em especial pela retomada das exportações de carnes para a China, pela expectativa de avanço no acordo Mercosul–União Europeia e pela perspectiva de redução das tarifas aplicadas às exportações destinadas aos Estados Unidos.

Gráfico 3: Taxa SELIC, Saldo de Crédito à Pessoa Física para aquisição de bens<sup>1</sup> e sua estimativa<sup>2</sup> (jun/21 a dez/27)



Fonte: Elaboração Economia/FIESC a partir de dados do IBGE

Para além do cenário-base, alguns fatores têm potencial de deslocar a trajetória projetada. No plano doméstico, o principal deles é o fiscal: mudanças na percepção de risco da dívida pública podem repercutir sobre o câmbio, a inflação e a taxa de juros, alterando de forma relativamente rápida o ambiente que hoje sustenta a expectativa de retomada da atividade industrial. Ademais, o ano eleitoral tende a elevar a volatilidade e a afetar a confiança, influenciando decisões de investimento. Nesse contexto, a clareza quanto às visões dos principais candidatos sobre a condução da política fiscal torna-se elemento central para a materialização do cenário projetado.

1 - A Variação % mesmo mês do ano anterior.

2 - Conforme modelo de projeção do setor de Economia FIESC

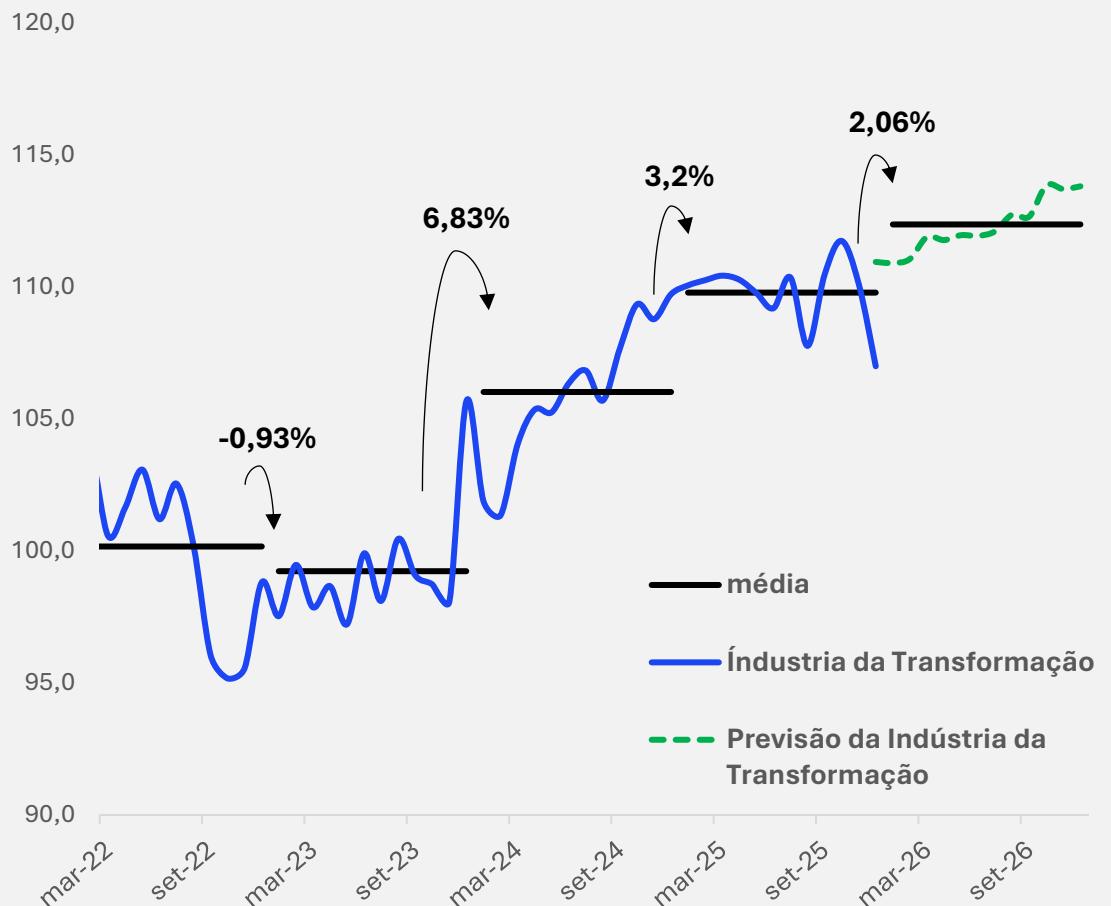
## O que esperar para 2026?

A projeção da FIESC para a indústria catarinense em 2026 é de crescimento de 2,06% (gráfico 4) indicando um ano de expansão moderada e com menor difusão setorial do que a observada em 2025.

Esse patamar é compatível com um cenário em que o custo do capital segue atuando como restrição relevante, em função de uma limitada redução da taxa de juros ao longo do ano. Nesse contexto, o consumo avança de forma moderada, condicionado pelo dinamismo do mercado de trabalho e pelo elevado endividamento das famílias, enquanto o investimento permanece seletivo, concentrando-se em ativos de menor risco e em segmentos com maior previsibilidade de demanda e acesso a instrumentos de apoio ao investimento produtivo.

Ainda assim, os bens de consumo duráveis e semiduráveis, fortemente restringidos pela taxa de juros em 2025, tendem a recuperar protagonismo, sobretudo no segundo semestre, movimento que pode se disseminar ao longo das cadeias produtivas, estimulando a demanda por bens intermediários e, em particular, por bens de capital.

Gráfico 4: Crescimento Industrial de SC entre 2022 a 2025 e sua estimativa<sup>3</sup> para 2026



Fonte: IBGE e Economia/FIESC

3 - Conforme modelo de projeção do setor de Economia FIESC



# Conclusão



O ano de 2025 combinou condições que tenderiam a restringir fortemente o crescimento industrial: juros elevados, crédito mais seletivo, perda de tração do consumo e aumento da incerteza no comércio internacional, com um resultado superior ao esperado.

Mesmo em um ambiente adverso, a indústria de transformação de Santa Catarina encerrou o ano com crescimento de 3,2%, acima da projeção da FIESC de 2,5%, significativamente superior ao desempenho da indústria brasileira, que permaneceu próximo de 0%

Esse resultado foi marcado por (i) um processo setorialmente disseminado de desaceleração; (ii) a intensiva presença de segmentos menos sensíveis ao ciclo econômico, em especial os bens intermediários; (iii) a fase do ciclo da construção e seu encadeamento e (iv) o desempenho exportador.

Para 2026, a projeção de crescimento de 2,06% aponta para um avanço moderado da atividade, com maior protagonismo dos bens de consumo duráveis e semiduráveis, especialmente no segundo semestre, como reflexo do aumento da renda disponível das famílias e da redução da taxa básica de juros. Esse cenário, no entanto, poderá ser negativamente influenciado pelo ambiente eleitoral, em particular pela percepção quanto à sensibilidade dos candidatos ao risco fiscal brasileiro.



**Responsável técnico:**

**Dr. Pablo Bittencourt**

**Equipe:**

**Alexandre Lamas Pena**

**Athos Argenta Fleming**

**Ricardo Augusto Dias Gonçalves Souza**